

## COOPERATIVAS DE CRÉDITO COMO NEGÓCIOS DE IMPACTO: O CASO DA SICOOB CREDICHAPADA

### *CREDIT UNIONS AS IMPACT BUSINESS: THE CASE OF SICOOB CREDICHAPADA*

**Autor(es):** Gustavo Henrique Dias Souza\*; Valéria Gama Fully Bressan\*; Alexandre de Pádua Carrieri\*.

**Filiação:** \*Universidade Federal de Minas Gerais

**E-mail:** gustavohediso@gmail.com; valeria.fully@gmail.com; alexandre@face.ufmg.br

**Grupo de Trabalho (GT):** GT6. Cooperativismo, associativismo e outras formas de ação coletiva

#### **Resumo**

As cooperativas de crédito podem assumir a forma de negócios de impacto social na medida em que desenvolvem ações que geram consequências e desdobramentos que minimizem a condição de vulnerabilidade e pobreza, além de proporcionar mudanças positivas na qualidade de vida de diversas pessoas de uma comunidade. Nesse contexto, este estudo buscou descrever e analisar os impactos sociais e econômicos proporcionados aos alunos atendidos por um programa de educação desenvolvido pela cooperativa de Crédito Sicoob Credichapada. A partir de um estudo de caso único exploratório, o estudo utilizou-se de análise documental, entrevistas e observação assistemática. Os resultados mostram que o Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira transforma a vida de diversos jovens e adolescentes beneficiados pelo programa, com impactos sociais como mudança no perfil de responsabilidade, aprendizagem de trabalho em equipe, capacidade de liderança, geração e administração de recursos, sustentabilidade e perspectivas de vida. O estudo buscou dar enfoque aos impactos de geração e administração de recursos e de mudança nas perspectivas de vida dos alunos. Com base nesses impactos constata-se a importância da Sicoob Credichapada enquanto negócio de impacto social para a realidade dessas escolas, alunos e comunidade, fazendo com que os alunos comecem a enxergar potencial para mudanças nas condições de vida tanto em termos sociais como econômicos, visando a diminuição da vulnerabilidade e da pobreza. Assim, a partir da exposição dos resultados deste estudo espera-se que outras realidades busquem transformações sociais por meio de negócios de impacto social, como as cooperativas e também outras organizações.

**Palavras-chave:** Cooperativas de crédito. Negócios de Impacto. Impactos Sociais e Econômicos. Sicoob Credichapada.

#### **Abstract**

*Credit unions can take the form of social impact businesses as they develop actions that generate consequences and deployments that minimize the condition of vulnerability and poverty, in addition to providing positive changes in the quality of life of several people in a community. In this context, this study aimed to describe and analyze the social and economic impacts provided to students attended by an education program developed by the credit union Sicoob Credichapada. From a single exploratory case study, the study used documentary analysis, interviews and unsystematic observation. The results show that the Cooperative, Entrepreneurial and Financial Education Program transforms the lives of several young people and adolescents benefited by this program, with social impacts such as changing the profile of responsibility, learning to work in teams, leadership skills, generating and managing resources, sustainability and life perspectives. The study aimed to focus on the impacts of generating and managing resources and the changing students' perspective of life. Based on these impacts, we can view the importance of Sicoob Credichapada as a social impact business for the reality of these schools, students and the community, making students begin to see potential for changes in living conditions both in social and economic aspects, aiming reducing vulnerability and poverty. Thus, from the exposure of the results of this study, it is expected that other realities can seek social transformations through social impact businesses, such as cooperatives and also other types of organizations.*

**Key words:** Credit unions. Impact Business. Social and Economic Impacts. Sicoob Credichapada.

## 1 INTRODUÇÃO

Os negócios sociais têm apresentado diversas formas de expressão no meio empresarial, assumindo nomenclaturas como negócios sociais – propriamente ditos, negócios de impacto social, investimentos de impacto social, negócios inclusivos, dentre tantos outros. O termo negócios sociais ganhou bastante força a partir do Prêmio Nobel da Paz de 2006, que reconheceu o trabalho desenvolvido pelo economista Muhammad Yunus – também chamado de “banqueiro dos pobres” – em Bangladesh. Yunus foi reconhecido pela iniciativa de redução da vulnerabilidade social e financeira dos pobres e pelo trabalho desenvolvido com microcrédito, fornecendo empréstimos à população mais pobre daquele país.

Nesse sentido, os Negócios de Impacto surgem como uma forma de negócio social que visa criar mediações que considerem tanto o aspecto econômico quanto o social, a fim de alcançar inovação e transformação sociais e o desempenho financeiro aos sujeitos presentes em uma relação de impacto: os impactados e os impactantes (FORÇA TAREFA DE FINANÇAS SOCIAIS [FTFS], 2015). Assim, o objetivo com os negócios de impacto é “ver inovações que criem novos mercados, tenham impacto social e sustentabilidade financeira, simultaneamente” (FTFS, 2015). Dessa forma, os negócios de impacto podem assumir diferentes formatos jurídicos organizacionais, como associações, empresas, fundações ou cooperativas. Apesar disso, para ser classificada como negócio de impacto, a entidade precisa ter o propósito de gerar impacto socioambiental, avaliar os impactos periodicamente, possuir lógica econômica com geração de receita própria e possuir decisões que envolvam princípios de governança (INSTITUTO DE CIDADANIA EMPRESARIAL [ICE], 2020).

Sendo assim, vê-se a forma organizacional de cooperativas como um potencial aliado para geração de impactos sociais a partir do empreendedorismo social e da inovação social. As cooperativas possuem os chamados 7 princípios universais do cooperativismo, que se mostram como linhas orientadoras para as atividades das cooperativas enquanto sociedade de pessoas e destacam ainda o interesse pela comunidade. Esses princípios foram baseados no estatuto da primeira cooperativa de consumo criada no mundo, em 1844, e definidos pela Aliança Cooperativa Internacional – ACI em 1955, permanecendo em vigência até os dias atuais. Os princípios são divididos em: 1) adesão livre e voluntária; 2) gestão democrática; 3) participação econômica dos membros; 4) autonomia e independência; 5) educação, formação e informação; 6) intercooperação; e 7) interesse pela comunidade (MEINEN; PORT, 2014). Além disso, as cooperativas são conhecidas não somente pelo seu aspecto social enraizado nesses princípios, mas também por serem organizações democráticas e baseadas em práticas de governança, atendendo aos interesses de seus membros (NOVKOVIC, 2019).

Dentre os ramos do cooperativismo no Brasil, o cooperativismo de crédito merece ser evidenciado com relação ao crescimento econômico e social. Esse destaque se justifica em virtude de as cooperativas de crédito se mostrarem como alternativas para suprir a carência ao crédito (importante ferramenta para o crescimento local), além de fornecer serviços financeiros a custos mais baixos que o sistema bancário, em termos de juros e taxas (JACQUES; GONÇALVES, 2016).

Dentre as cooperativas de crédito filiadas ao Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil – Sicoob, o qual é o maior sistema financeiro cooperativo do Brasil, a Cooperativa de Crédito de Livre Admissão da Margem Esquerda do Urucuia e São Francisco Ltda., doravante denominada “a [cooperativa] Sicoob Credichapada” ou simplesmente “a [cooperativa] Credichapada”, tem despertado olhares pelo seu desenvolvimento e possíveis impactos na localidade onde atua. A Sicoob Credichapada é sediada na cidade de Chapada Gaúcha – MG, a qual se situa à beira do Grande Sertão Veredas, no norte do Estado de Minas Gerais. Sua



área de atuação está limitada aos municípios mineiros de Chapada Gaúcha, Urucuaia, Pintópolis, São Francisco, Bonito de Minas, Cônego Marinho e Januária.

A Sicoob Credichapada foi inaugurada em 6 de setembro de 2011 e em tão pouco tempo já se destacou com sua atuação em um Projeto de Educação, tendo sido vencedora do Prêmio Concred Verde, na categoria de Harmonia Social, em 2016 e 2018, o qual é promovido pela Confederação Brasileira das Cooperativas de Crédito (CONFEBRÁS). A cooperativa ganhou o prêmio com o Programa Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira, criado em 2016 e já premiado no mesmo ano. O Prêmio Concred Verde acontece no Congresso Brasileiro de Cooperativismo de Crédito, o maior evento de cooperativismo de crédito no Brasil, e busca reconhecer as melhores práticas de responsabilidade socioambiental das cooperativas de crédito do país (ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DE MINAS GERAIS [OCEMG], 2018).

Retoma-se que a atuação de negócios de impacto social abrange ações voltadas para a saúde, para a qualidade da educação, emissões de carbono, mobilidade urbana ou outras necessidades sociais (FTFS, 2015). Assim, tendo em vista a importância das cooperativas de crédito para a geração de impactos sociais e econômicos na localidade onde atuam e considerando o destaque que a Sicoob Credichapada vem recebendo com seu Programa de Educação, torna-se expressivo avaliar os impactos econômico e social desse programa. Ressalta-se que até então não foram encontrados estudos que abordassem os impactos sociais e econômicos para a Sicoob Credichapada. Assim, esta pesquisa tem o propósito de responder à seguinte questão: *Como se configuram os impactos sociais e econômicos nos alunos atendidos pelo Programa de Educação desenvolvido pela Credichapada?* Assim, o objetivo desta pesquisa foi descrever e analisar os impactos sociais e econômicos gerados por este Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira.

Compreender o diferencial e trazer a experiência desta instituição é fator relevante para fomentar o estado da arte dentro da discussão sobre o cooperativismo de crédito brasileiro e da literatura sobre negócios de impacto. Destaca-se também que as particularidades deste caso possuem potencial para generalizações analíticas e podem servir também de incentivo para outras comunidades que pretendem buscar impactos sociais tendo como ferramenta propulsora os negócios de impacto, como é o caso das cooperativas. Além disso, o estudo tem potencial para desdobramentos sociais, uma vez que se propõe a tratar dos impactos sociais e econômicos, que influenciam na qualidade de vida da população, além de trazer sinalizações de possíveis novos investimentos.

## **2 O COOPERATIVISMO DE CRÉDITO E OS NEGÓCIOS DE IMPACTO**

### **2.1 Origens e Cenário do Cooperativismo de Crédito**

O cooperativismo de crédito teria se concretizado com a criação da primeira cooperativa de crédito em 1864, por Friedrich Raiffeisen, na Alemanha, intitulada de “*Heddesdorfer Darlehnskassenverein*”, que quer dizer Associação de Caixas de Empréstimo de Heddesdorf. Pinheiro (2008) destaca que as primeiras cooperativas, criadas por Raiffeisen eram destinadas ao crédito rural, e que a primeira cooperativa de crédito urbana teria sido fundada em 1856 em Delitzsch, na Alemanha, por Herman Schulze. No Brasil, a primeira cooperativa de crédito foi fundada em 1902, pelo padre Theodor Amstad, tendo sido denominada inicialmente por Caixa de Economia e Empréstimos Amstad, e é atualmente intitulada de Cooperativa de Crédito de Livre Admissão de Associados Pioneira da Serra Gaúcha – Sicredi Pioneira, a qual fica localizada na cidade de Nova Petrópolis, no estado do Rio Grande do Sul, e continua em atividade atualmente (OCB, 2020b).

As cooperativas de crédito são instituições financeiras que se constituem sob a associação autônoma de pessoas, formando uma sociedade cooperativa, a qual tem por objetivo satisfazer necessidades – econômicas, culturais e sociais – do grupo que a institui, com foco na prestação de serviços financeiros, e abrange serviços como a concessão de crédito, emissão de cheques, captação de depósitos, serviços de cobrança, de recebimentos, pagamentos, dentre outros (PINHEIRO, 2008; WHEELLOCK; WILSON, 2013; INTERNATIONAL CO-OPERATIVE ALLIANCE [ICA], 2019).

Nesse sentido, reforça-se que as cooperativas surgem como organizações econômicas e sociais, não objetivando o lucro e pautando-se nas pessoas, de modo a priorizar o desenvolvimento social. Já o cooperativismo de crédito, por sua vez, ainda tem potencial para estimular a distribuição de renda, ao passo que proporciona serviços financeiros mais baratos e também distribui a participação nas sobras aos cooperados, que são os sócios da entidade.

O cooperativismo é de destacada relevância para a sociedade ao passo que promove aplicação de recursos privados e assume compromissos com a comunidade em que se desenvolve (SOARES; MELO SOBRINHO, 2008). Diversos são os ramos do cooperativismo no Brasil, entretanto, destaca-se aqui o cooperativismo de crédito, o qual se mostra como ferramenta alternativa de acesso ao crédito. Nesse sentido, é importante ressaltar a evolução e, principalmente, o horizonte atual do cooperativismo de crédito no Brasil.

Além disso, ressalta-se a importância do crédito cooperativo em termos de amplitude de pontos de atendimento, abrangendo 47% (5.384 postos de atendimento) dos municípios brasileiros em 2018 (BACEN, 2019). Ainda ressalta-se que em 2018, 182 desses municípios contavam apenas com o atendimento das cooperativas, todos em municípios com populações abaixo de 15 mil habitantes, o que evidencia ainda mais a importância e o papel inclusivo desempenhado por essas organizações na sociedade (BACEN, 2019).

Analisando os percentuais dos principais agregados das cooperativas singulares com relação ao SFN, observa-se que os valores de ativo total, carteira de crédito total e depósito continuaram aumentando (Tabela 1). Dessa forma, o Sistema Nacional de Crédito Cooperativo (SNCC) tem se mostrado com maiores participações com relação ao Sistema Financeiro Nacional, que apesar de incipiente, ainda apresentou crescimento maior do que os demais segmentos para o ano de 2018 (BACEN, 2019).

**Tabela 1**

*Ativo Total, Carteira de Crédito Total e Depósito Total do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo em relação ao Sistema Financeiro Nacional*

Variável	2014	2015	2016	2017	2018
Ativo Total	1,7%	1,7%	2,1%	2,4%	2,7%
Carteira de Crédito Total	2,5%	2,6%	2,7%	3,2%	3,8%
Depósito Total	3,9%	4,1%	5,0%	5,3%	5,6%

Fonte: BACEN (2019, p.11).

Além disso, de acordo com dados do BACEN (2020), em 2016, o Brasil possuía 1.017 cooperativas de crédito singulares, e teria encerrado 2019 com 875 unidades singulares (BACEN, 2020; CONFEBRÁS, 2020). No entanto, segundo dados do relatório do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo – SNCC (2017), o número de associados às cooperativas de crédito teve um aumento de 198,59% de 2007 a 2017. Já entre o comparativo de 2018 para 2019, o número de cooperados teria crescido 9,20%, chegando a atingir 11,5 milhões de cooperados em 2019 (CONFEBRÁS, 2020).

A fim de demonstrar os benefícios econômicos do cooperativismo de crédito na economia brasileira, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) e o Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi) divulgaram um estudo que demonstra que a presença do

cooperativismo de crédito nos municípios do país representam uma maximização do Produto Interno Bruto (PIB) na ordem de 5,6%, além de criar 6,2% mais empregos formais e aumentando o número de estabelecimentos comerciais em 15,7% (FIPE, 2019). Dessa forma, nota-se que o cooperativismo de crédito no Brasil possui condições de estimular a economia e o empreendedorismo locais, além de trazer benefícios sociais ligados aos seus princípios e valores.

Destaca-se, então, que o cooperativismo de crédito é um movimento ligado às mudanças sociais e ao progresso da localidade, mas para a efetivação desta afirmação é necessário destacar que o cooperativismo se comporta tanto como organização econômica quanto como instrumento de impactos sociais, o que aproxima as cooperativas de crédito ainda mais aos conceitos de negócios de impacto.

## 2.2 Empreendedorismo Social e Negócios de Impacto

Apesar de ainda ser um conceito em construção, o empreendedorismo social surge a partir da prática de alternativas a problemas e instigações apresentados na sociedade, buscando minimizar ou erradicar contextos críticos e ultrajantes, principalmente ligados ao cenário social (IIZUKA, 2014). Dessa forma, os empreendimentos e empreendedores sociais têm buscado alternativas que transformem o contexto social brasileiro, tanto em aspectos de pobreza quanto de desigualdade.

O empreendedorismo social retrata, portanto, uma ferramenta inovadora, que pode ser alicerçado em organizações que retratem simultaneamente os objetivos econômicos e sociais, perpassando por questões referentes a transformações sociais, geração de valor social, desenvolvimento sustentável e mudança social (OLIVEIRA, 2004; SOUSA; FISCHER, 2012). Dessa forma, como o empreendedorismo social busca a transformação social, de vida das pessoas e de melhoria de bem-estar, geralmente é medido qualitativamente, já que, diferentemente do empreendedorismo tradicional, o empreendedorismo social não possui grande leque para mensuração dos impactos (D'AMARIO; COMINI, 2020).

Assim, a partir do surgimento do empreendedorismo social, outras conceituações também foram tomando destaque, como os negócios sociais, que são empreendimentos que buscam propósitos sociais e/ou ambientais a fim de inspirar transformações sociais e econômicas (FISCHER, 2014).

Dentre esses novos modelos de empreendimentos e negócios sociais, destacam-se os chamados negócios de impactos sociais, que, segundo Comini, Barki e Aguiar (2013), possuem como principal característica a associação entre retornos financeiros e a geração de impactos sociais positivos.

Nesse contexto, os negócios de impacto social podem gerar impacto social em cinco principais dimensões, sendo elas: a redução de custos de transação; a redução de condições de vulnerabilidade; a ampliação de possibilidades de aumento de renda; a promoção de oportunidades de desenvolvimento; e o fortalecimento da cidadania e dos direitos individuais (ARTEMISIA; AGENDA BRASIL DO FUTURO, MOVE SOCIAL, 2017). Para que essas dimensões aconteçam, pode ser essencial que aconteça estabelecimento de redes de parcerias para realização de ações conjuntas que busquem ocasionar essas mudanças no contexto atual, de forma a interagir movimentos sociais, modelos de negócios, infraestrutura, leis e regulamentações e novas formas de ação dos indivíduos na sociedade (COMINI; ROSOLEN; FISCHER, 2019).

Assim, os negócios de impacto social agem a fim de gerar mudanças em uma determinada região e de atingir transformações sociais e ambientais, solucionando problemas sociais e criando valor às pessoas beneficiadas (ÁVILA et al., 2016). Dessa forma, o conceito

de negócios de impacto social poderia incluir qualquer atividade ou ação empresarial que tivesse impacto social como uma de suas estratégias (COMINI; BARKI; AGUIAR, 2020).

Artemisia, Agenda Brasil do Futuro e Move Social (2017) consideram que os negócios de impacto social são entidades que buscam oferecer soluções para problemas sociais da população de baixa renda, sendo guiados por características como: a) foco na baixa renda; b) intencionalidade, tendo a intenção de causar impactos sociais; c) potencial de escala, com possibilidade de ampliar o alcance e replicar em outras regiões; d) rentabilidade, apresentando um modelo de negócios que garante a sustentabilidade financeira; e) impacto social relacionado à atividade principal; e f) a distribuição ou não de dividendos.

Os negócios de impacto social ainda possuem outra característica que merece destaque, que é a habilidade em preencher espaços de mercado provenientes de falhas da atuação do próprio Estado (COMINI; ROSOLEN; FISCHER, 2019), o que vai ao encontro do movimento cooperativista, o qual também surge, principalmente, a partir das falhas do Estado em prover as atividades necessárias à sociedade.

### 3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

#### 3.1 O caso: Sicoob Credichapada

A Cooperativa de Crédito de Livre Admissão da Margem Esquerda do Urucuia e São Francisco Ltda., a Sicoob Credichapada, é uma instituição financeira não bancária, de responsabilidade limitada, composta por pessoas, caracterizada ainda como de natureza simples e como organização sem fins lucrativos.

A partir de um curso de empreendedorismo oferecido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), os comerciantes, produtores e empresários tiveram a ideia da constituição de uma cooperativa. Com o suporte do Banco Central e do Sistema OCB, esses agricultores e comerciantes totalizaram um capital social igual a R\$ 300.000 para começarem a iniciativa junto ao Sistema Sicoob (SESCOOP, 2017). Em 16 de Março de 2011, após esforços de trabalho desse grupo para a criação da unidade em Chapada Gaúcha, o Banco Central autorizou a constituição da Sicoob Credichapada, com quadro de 67 sócios.

A partir de então, desde 2013 a cooperativa vem desenvolvendo o Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira, que é resultado de ações em parceria da Sicoob Credichapada com o Sebrae, a Rede Pública de Ensino, a OCEMG, o SESCOOP e o Banco Central do Brasil, de forma a atender escolas tanto municipais quanto estaduais da rede pública de ensino nos municípios de Chapada Gaúcha, Urucuia, Pintópolis, São Francisco e Januária (OCEMG, 2017; SICOOB CREDICHAPADA, 2020). Em 2017 o projeto já atendia mais de 30 escolas públicas e totalizava mais de 7 mil alunos atendidos. A parceria é proporcionada de forma a integrar os conhecimentos das áreas em destaque, sendo: educação financeira, empreendedorismo e o cooperativismo.

Com a capacitação dos professores para trabalhar com os alunos, o projeto de educação cooperativista, empreendedora e financeira objetiva causar uma mudança em termos comportamentais dos alunos, além de alterações em suas habilidades e atitudes, com o uso de novas metodologias e aplicação de projetos interdisciplinares inseridos no currículo escolar (Sicoob Credichapada, 2020).

A interdisciplinaridade e a prática do projeto foram reconhecidas pela secretaria da educação do município e em 2016 o poder público sancionou a Lei Municipal nº 724, que cria a disciplina obrigatória de Cultura Empreendedora, Cooperativista e Financeira para a rede municipal de ensino, auxiliando na concretização mais efetiva do projeto para as escolas



municipais. Além disso, a disciplina e o projeto foram também incorporados por escolas da rede estadual de ensino, e teve suas iniciativas reconhecidas como práticas inspiradoras pela Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais, a qual destaca que a iniciativa motiva escolas na inserção do cooperativismo no conteúdo curricular interdisciplinar no programa Diversidade, Inclusão e Mundo do Trabalho (DIM), promovido pela secretaria (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2017).

Nessas aulas, os alunos descobrem práticas para economia de dinheiro, estratégias de compra consciente, cálculos de juros e formas de tomar decisões responsáveis para os gastos dos recursos próprios. Assim, o conhecimento, adquirido pela mediação do projeto, passa a ser obrigatório pelas escolas municipais e incorporado pelas escolas estaduais e é aplicado de maneira prática por intermédio das chamadas cooperativas escolares, nas quais os próprios alunos são instruídos a produzirem e comercializarem produtos, além de fazer a gestão dessas entidades mirins (OCEMG, 2017).

As cooperativas escolares funcionam como ambiente de aplicação dos conteúdos cooperativistas – principalmente os princípios do cooperativismo –, exercitando ainda o comportamento empreendedor e a gestão das finanças pessoais, de forma a consolidar o conhecimento adquirido em sala de aula por meio da disciplina implementada (SESCOOP, 2017). Ainda segundo o SESCOOP (2017), destaca-se que nessas cooperativas escolares, são mantidas as especificidades de funcionamento formal de uma cooperativa de crédito, como realização de assembleias, prestação de contas, realização de eleições para Conselho de Administração e Conselho Fiscal.

As cooperativas escolares já constituídas são a Cooperativa Escolar União – UNICOOP (fundada em Junho de 2015), a Cooperativa Escolar Moacir Cândido – COOPERMOC (fundada em 2016), a Cooperativa Escolar da Escola Estadual José Manuel Cirino – JOVCOOP (fundada em Agosto de 2017), a Cooperativa Escolar da Escola Municipal Dário Carneiro – COOPERDÁRIO (fundada em Abril de 2018), e a recém criada, em Outubro de 2019, Cooperativa Escolar da Escola Municipal Santa Luzia – SANCOOP.. Essas cooperativas, mesmo com pouco tempo de criação já tem transformado a vida dos adolescentes de forma exemplar.

Na UNICOOP, em 2017, a então presidente, Kelly Mendes, eleita aos 17 anos, já se empenhava na construção do patrimônio da cooperativa escolar e, em outubro de 2016, a presidente juntamente com os demais envolvidos com a UNICOOP conseguiram arrecadar R\$ 3.500 com a venda de frutas, hortaliças, bolos, doces e alguns artesanatos (SESCOOP, 2017). O dinheiro teria sido reinvestido na escola, na construção da sede para a cooperativa escolar, além de ter possibilitado a compra de móveis e eletrodomésticos, a confecção de uniformes e a criação de uma horta comunitária (SESCOOP, 2017).

Já na COOPERDÁRIO, fundada em agosto de 2018, a aluna Jéssica Alves chegou a presidência da cooperativa escolar aos 14 anos e destaca que se sente orgulhosa de ter participado da fundação da organização e que aprende, por meio da cooperativa escolar, a desenvolver o trabalho em equipe, melhorias nas formas de comunicação, além de aprender novos conteúdos (RESENDE; ZICA, 2018). Segundo a aluna, ela não imaginava o potencial que o cooperativismo tinha para transformar a vida das pessoas como a dela (RESENDE; ZICA, 2018).

Essas iniciativas vêm sendo reconhecidas por diversos agentes, tanto de órgãos de ensino, como, por exemplo, a superintendência regional de ensino do Estado de Minas Gerais, quanto de órgãos ligados ao cooperativismo. Prova disso é a conquista, pela Credichapada, do prêmio Concred Verde, promovido pela CONFEBRÁS. A Sicoob Credichapada foi premiada durante os anos de 2016, 1º lugar, e 2018, com 2º lugar, na categoria “Harmonia Social”, que

reconhece projetos com práticas voltadas ao bem-estar da comunidade local, traduzindo-se em ações de melhoria na qualidade de vida da comunidade.

Um pouco das histórias dessas cooperativas e da realidade e contexto em que o Programa de Educação é desenvolvido podem ser vistos em vídeos disponíveis na internet e que mostram ações e depoimentos sobre o Programa<sup>1</sup>.

### 3.2 Classificação e Estratégias Metodológicas

A fim de verificar e descrever os impactos sociais e econômicos gerados pelo Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira desenvolvido pela Sicoob Credichapada, esta pesquisa se classifica quanto aos objetivos como exploratória e quanto à abordagem do problema como qualitativa.

É classificada como exploratória, pois esse tipo de pesquisa busca o estudo de temas pouco explorados ou no desenvolvimento de visões gerais sobre determinados fatos, com a finalidade de criar padrões, ideias ou hipóteses, ao invés de buscar confirmar ou confrontar hipóteses ou teorias (COLLIS; HUSSEY, 2005). É qualitativa porque se busca compreender o contexto da investigação e estudar perspectivas dos sujeitos do estudo, despertando interação com o ambiente e o fenômeno estudado (CRESWELL; POTH, 2018).

Com o objetivo de trazer melhor explicitação, aprofundamento e melhor entendimento da Credichapada e sua localidade, foram também definidas algumas estratégias de pesquisa para a coleta de dados e informações para construir evidências e realizar as análises. Nesse sentido, esta pesquisa pode ser classificada quanto às estratégias como estudo de caso, com direcionamentos também para as estratégias de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e observação.

A análise documental foi realizada a partir do estudo de caso, uma vez que neste estudo a estratégia documental era referente a informações buscadas sobre a Sicoob Credichapada. O estudo de caso é indicado em ocasiões em que se busca o estudo contextual real e, portanto, naturalístico de um fenômeno de estudo (Yin, 2005). Martins (2008, p. 11) destaca que, em um estudo de caso, “busca-se aprender a totalidade de uma situação e criativamente, descrever, compreender e interpretar a complexidade de um caso concreto, mediante um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado”.

A observação no campo, por sua vez, se desenvolve como o próprio trabalho empírico e se constitui a partir da investigação do cotidiano, tanto de forma retrospectiva, por questionários ou entrevistas, ou por meio de observação e acompanhamento do cotidiano do grupo (McGRATH; ALTERMATT, 2001; PALUCK; CIALDINI, 2014). Neste estudo foram utilizadas as duas formas, dada que as entrevistas foram realizadas de forma presencial, o que possibilita realizar a observação enquanto se coleta as informações retrospectivas sobre o desenvolvimento e cotidianos do grupo.

Dentre as formas de observação encontra-se a observação assistemática ou ainda chamada de pré-científica, a qual possui a característica subjetiva e espontânea na qual não se tem um planejamento com antecedência (HODSON, 1986). Segundo Lakatos e Marconi (2007), a técnica de observação assistemática compreende uma forma espontânea, informal, ocasional, simples, livre, e até mesmo acidental e consiste na abordagem de coletar e registrar os fatos de uma realidade sem que seja necessário que o pesquisador use técnicas especiais ou fazer perguntas diretas, sendo mais empregada em estudos exploratórios.

---

<sup>1</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=V7CmKcAD4vA>  
<https://www.facebook.com/watch/?v=1400496036702794>

### 3.3 Técnicas de coleta de evidências e sujeitos da pesquisa

Como técnicas de coleta de evidências, foram utilizadas a própria análise documental e a observação (já descritas na seção anterior), além de entrevistas. Dentre os principais objetivos da entrevista está a obtenção de informações ou interpretações pelos próprios agentes entrevistados e a descoberta de visões ou informações que não seriam possíveis apenas com a observação (STAKE, 2010). Surge a partir disso, três principais formas de entrevistas: a estruturada, a semiestruturada e a não estruturada. Neste estudo foi utilizada a entrevista semiestruturada, a qual, em comparação com a estruturada, permite um melhor aproveitamento dos diálogos visando a produção de conhecimento, e, em comparação com a não estruturada, a entrevista semiestruturada tem a vantagem de possibilitar ao pesquisador um papel de tornar o entrevistado mais concentrado em questões voltadas ao projeto (BRINKMANN, 2018).

Além disso, foi utilizado nesta pesquisa o instrumento “diário de campo”. Este instrumento metodológico é empregado com o intuito de registrar as vivências e observações feitas durante o período de atuação. Segundo Weber (2009), o diário de campo se baseia no registro da observação dos comportamentos de um grupo social, caracterizado por uma investigação singular.

Nesse sentido, conforme já destacado ao longo desta seção, as diferentes técnicas de coleta de dados utilizadas nesta pesquisa visam um encadeamento dialógico, ao invés de hierárquico, de modo que dados de diferentes tipos de coleta podem se organizar entre si e oferecerem uma maior e melhor explicação dos fenômenos aqui tratados. Para a coleta de dados já ressaltada, foi utilizado o protocolo de estudo de caso como direcionador e regulador da estratégia principal desta pesquisa.

O conjunto de indivíduos entrevistados com a entrevista semiestruturada, considerados como grupo de sujeitos desta pesquisa – em consonância com o levantamento apresentado no tópico referente ao caso aqui estudado –, compreende diversos agentes envolvidos no Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira da Sicoob Credichapada, direta ou indiretamente, seja como funcionário, membro, alunos alcançados pelo projeto, professores ou responsáveis por áreas da administração pública municipal, a fim de obter informações sobre essas vivências e percepções sobre o Programa de Educação.

Destaca-se ainda que esta pesquisa foi conduzida de forma a respeitar os limites éticos com relação ao consentimento informado dos sujeitos estudados e com relação à responsabilidade com a cooperativa. As gravações das entrevistas foram e serão mantidas em posse apenas do pesquisador desta pesquisa, sem qualquer divulgação dos áudios ou do vínculo dos sujeitos com as transcrições. Ressalta-se ainda, que as gravações de entrevistas foram realizadas com a anuência dos entrevistados.

### 3.4 Procedimentos para análise dos dados

As técnicas de coleta de dados abordadas anteriormente visam a triangulação dos dados. Segundo Yin (2005), a triangulação visa uma convergência dos aspectos relacionados ao fenômeno investigado. Flick (2018) simplifica o conceito de triangulação e ressalta que o significado está relacionado à forma de tratamento de uma questão de pesquisa, que com a triangulação é observada a partir de duas ou mais perspectivas. Neste estudo, as fontes de evidências foram as entrevistas, a observação e os dados provenientes da análise documental.

O método utilizado para a organização e análise dos dados provenientes das entrevistas e da observação será a Análise de Conteúdo. Bardin (2011) caracteriza a análise de conteúdo como o tratamento de informações contidas em mensagens, que permitem a

inferência sobre os conhecimentos presentes nas mensagens. Nesse sentido, para esta pesquisa seguiu-se a análise temática ou semântica do conteúdo, a fim de agrupar os temas ligados à problemática deste estudo que tiveram significados comuns sob a regência de uma mesma unidade de codificação.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 A Holística da Sicoob Credichapada

O município de Chapada Gaúcha teve o início do seu processo de povoamento na década de 1970, mais precisamente em 1976. Neste ano havia chegado os primeiros moradores, de origem gaúcha, e provenientes de um programa de ocupação territorial e de implementação de políticas agropecuárias no cerrado, o chamado Projeto de Assentamento Dirigido a Serra das Araras – PADSA, que foi realizado pela Fundação Rural Mineira – RURALMINAS (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2020). O PADSA fez parte de um dos planos de incentivo político-econômico de desenvolvimento de práticas agropecuárias e ocupação do cerrado firmadas pelo Plano Nacional de Desenvolvimento – PND do Governo Federal, na segunda metade do século XX.

Quando os primeiros moradores migrantes chegaram à região, o cerrado deserto tomava conta da localidade, sem qualquer morador, sem água ou até estradas, sendo a cidade mais próxima a de Arinos, com distância de 95 km. A partir de então, começa-se a construir o povoado, para o qual se buscava água a cada quinze dias em áreas distantes em até 60 km do povoado. Já as compras precisavam ser feitas, uma vez por mês, nas cidades de Arinos, Januária ou São Francisco (Prefeitura Municipal de Chapada Gaúcha, 2012).

É nesse contexto que o município de Chapada Gaúcha foi se desenvolvendo ao longo dos anos. Com as dificuldades iniciais – de falta de água, de estradas, de energia elétrica, de escolas ou qualquer outro tipo de infraestrutura – sendo superadas e melhores condições de vida sendo proporcionadas ao povo chapadense.

Geograficamente o município de Chapada Gaúcha está localizado no semiárido do norte do Estado de Minas Gerais e fica a aproximadamente 678 Km da capital mineira e a 340 Km da cidade de Brasília. Com área de 3.214,70 Km<sup>2</sup> e população estimada de 13.397 pessoas em 2018 (população do censo 2010: 10.805 habitantes), o município ocupa o oitavo lugar na microrregião, em termos de população, sendo 53,3% localizada na zona urbana e 46,7% na zona rural (IBGE, 2020).

Na Tabela 2, a seguir, por sua vez, são apresentados os dados sobre renda, pobreza e desigualdade no município de Chapada Gaúcha com base nos censos demográficos supracitados, 1991, 2000 e 2010.

Observa-se que a renda *per capita* média da população de Chapada Gaúcha cresceu 130,64% de 1991 a 2010, passando de R\$ 122,50, em 1991, a R\$ 253,67, em 2000, e para R\$ 282,53 em 2010. Já considerando as informações de pobreza, a proporção de pessoas pobres, que corresponde a indivíduos com renda domiciliar *per capita* igual ou inferior a R\$ 140,00 mensais, caiu de 75,64%, em 1991, para 65,39%, em 2000, e, posteriormente, para 35,32%, em 2010. Por fim, o Índice de Gini mede o grau de concentração de renda, apontando a diferença entre os rendimentos dos mais ricos e dos mais pobres. Também varia de 0 a 1, sendo 0 uma situação de total igualdade de renda, e 1 completa desigualdade. Observa-se que em Chapada Gaúcha essa desigualdade oscilou para os três períodos em destaque, passando de 0,45, em 1991, para 0,71, em 2000, e, por fim, para 0,51, em 2010.

**Tabela 2**

*Renda, Pobreza e Desigualdade do Município de Chapada Gaúcha – MG para os períodos de 1991, 2000 e 2010*

	1991	2000	2010
Renda per capita <sup>a</sup>	122,50	253,67	282,53
% de extremamente pobres <sup>b</sup>	40,51	38,54	20,16
% de pobres <sup>c</sup>	75,64	65,39	35,32
Índice de Gini <sup>d</sup>	0,45	0,71	0,51

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2020).

Nota. <sup>a</sup>razão entre somatório da renda de todos os indivíduos residentes em domicílios particulares permanentes e o número total desses indivíduos (valores em reais); <sup>b</sup>proporção de indivíduos com renda domiciliar per capital igual ou inferior a R\$ 70,00 mensais (valores percentuais); <sup>c</sup>proporção de indivíduos com renda domiciliar per capital igual ou inferior a R\$ 140,00 mensais (valores percentuais); e <sup>d</sup>mede o grau de desigualdade existente na distribuição de renda domiciliar per capita, sendo 0 quando não há desigualdade e tende a 1 quando a desigualdade aumenta.

Nota-se então que na década de 1990 houve reduções dos percentuais de pobres e de extremamente pobres, entretanto associados a um aumento da desigualdade de renda, medida pelo Índice de Gini. Já na década de 2000 é possível observar uma maior redução dos níveis de pobres e extremamente pobres, mas desta vez atrelados à redução da desigualdade de renda. Nesse sentido, os resultados dos anos 2000 para 2010 podem ser considerados como indícios de políticas macroeconômicas de Programas de Transferência de Renda, principalmente mediante a criação do Programa Bolsa Família no ano de 2003. Dentre os principais direcionamentos desses programas encontra-se a inclusão social de famílias pobres e extremamente pobres. Já a partir do ano de 1991 iniciaram-se no Brasil discussões referentes a programas que tratassem de programas de Renda Mínima da população, enquanto que em 2001 cria-se e intensifica-se programas como o Bolsa Escola e o Bolsa Alimentação, os quais passaram a ter uma abrangência geográfica significativa no país (Silva, 2007).

Já segundo o Relatório de Informações Sociais (Ministério da Cidadania, 2019), em março de 2019, haviam 2.961 famílias inscritas no Cadastro Único<sup>2</sup>, somando um total de 8.842 pessoas cadastradas, com as seguintes rendas *per capita* familiar: 1.822 famílias com renda de até R\$89,00; 168 famílias entre R\$ 89,01 e R\$ 178,00; 453 com renda entre R\$ 178,01 e meio salário mínimo; e 518 com renda per capita acima de meio salário mínimo. Com relação ao Programa Bolsa Família, principal programa social governamental que beneficia famílias pobres e extremamente pobres, eram beneficiadas, no mês de abril de 2019, 1.849 famílias do Cadastro Único, com valor médio recebido de R\$ 258,84, totalizando R\$ 478.588,00 repassados pelo Governo Federal (Ministério da Cidadania, 2019).

Dado o contexto de desenvolvimento do município, observa-se que sua população cresceu 177,4% desde a primeira estimativa do IBGE para o município, em 1997, até a estimativa de 2019 (IBGE, 2020). Esse aumento desordenado da população urbana ocasionou no município alguns problemas sociais (Prefeitura Municipal de Chapada Gaúcha, 2012).

Atualmente, esses problemas sociais estão concentrados principalmente com a situação de pobreza e a vulnerabilidade social com a qual muitas famílias convivem. Segundo informações da Secretaria de Ações Sociais do município, há conhecimento do poder público sobre essas questões, conforme pode ser visto no trecho de entrevista a seguir:

<sup>2</sup> O Cadastro Único para Programas Sociais é uma rede de dados que possui informações socioeconômicas das famílias brasileiras de baixa renda – aquelas com renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa. Essas informações permitem ao governo conhecer as reais condições de vida da população e, a partir dessas informações, selecionar as famílias para diversos programas sociais (Ministério da Cidadania, 2019).

[...] a gente trabalha muito com a questão de erradicação de pobreza e de problemas oriundos de conflitos familiares. Hoje nós temos dentro do município de Chapada Gaúcha, muitos problemas, voltados não só especificamente pra questão da pobreza. [...] Nós trabalhamos muito também a questão da vulnerabilidade social de famílias, onde a gente percebe aí a chamada crise financeira. Esses reflexos dessa crise financeira eles colocam muitas famílias em situação de vulnerabilidade, e essa vulnerabilidade se acentua muito durante esse período e a gente tem trabalhado para minimizar esses riscos [...]. (Administração Pública 06).

O mesmo representante da administração pública ressalta que a atenção social que deveria ser dada a essas famílias é dificultada principalmente pela questão do acesso a essas comunidades, que é feito por estrada de chão, o que impossibilita, muitas vezes, o mapeamento pela Secretaria de Ações Sociais.

Assim, dado esse contexto de vulnerabilidade social e de pobreza que acomete o município e seu entorno, a presença de negócios de impacto social na região pode ser considerada de suma importância para a diminuição e mitigação dos problemas sociais da localidade, gerando melhorias na qualidade de vida e no bem-estar das pessoas da comunidade. Ressalta-se, então, que o Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira pode ser uma das ações que geram impacto social e que auxiliam na redução dessas vulnerabilidades, a partir dos impactos gerados pelo desenvolvimento das atividades, que serão analisadas no tópico a seguir.

#### **4.2 Impactos Sociais e Econômicos do Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira**

As constatações de impactos sociais e econômicos partem de questões observadas pelo pesquisador e também por aspectos vividos e narrados pelos sujeitos desta pesquisa, assumindo-os como protagonistas das transformações de suas próprias condições de existência. A percepção dos sujeitos da pesquisa é um ponto de partida fundamental para compreender o contexto desses impactos em Chapada Gaúcha, pois parte de uma participação de inclusão que busca trazer à tona as dimensões desse processo que são importantes para a população em estudo.

Com o intuito de analisar os dados coletados com as observações e as entrevistas, foi aplicada a Análise de Conteúdo. A partir da Análise de Conteúdo, foram identificados temas ou categorias de impactos, tendo emergido a partir de padrões de palavras, de ideias, de tópicos de interesse ou de narrativas.

Ressalta-se que as ações voltadas para as escolas trazem transformações não somente para os alunos, mas como também para os professores, pais e a comunidade. O projeto desenvolvido nas escolas teve seu início em 2013 e foi evoluindo ao longo do tempo, principalmente com a criação das cooperativas escolares.

As cooperativas escolares podem ser entendidas como a concretização do trabalho que acontece na disciplina de Cultura Empreendedora, Cooperativista e Financeira. Essas cooperativas escolares são, inclusive, um dos objetivos do Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira desenvolvido pela Credichapada, a fim de criar um ambiente de consolidação da aprendizagem a partir da vivência prática dos conceitos aprendidos na sala de aula com a disciplina.

As cooperativas escolares funcionam com a formalidade de uma cooperativa comum, atendendo, inclusive, a legislação aplicável, apesar de não haver Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas – CNPJ. Nesse sentido, as cooperativas escolares funcionam com chapas, que são eleitas pelos alunos cooperados a essas cooperativas, e concorrem a cargos para a Diretoria (Presidente, Vice-Presidente, 1º e 2º Tesoureiros e 1º e 2º secretários), Conselho

Fiscal e Conselho de Administração (com membros efetivos e suplentes). Além disso, todas as reuniões acontecem com registro em ata e ocorre também Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária, tudo com as devidas formalidades.

Dentre os impactos do Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira com o público-chave nas Escolas, têm-se os desdobramentos em três vertentes: 1) os impactos da formação e capacitação dos professores das escolas públicas; 2) os impactos para os alunos; 3) os impactos para as famílias dos alunos e para a comunidade.

Neste trabalho, o foco está na segunda vertente, os impactos para os alunos. Com relação a esses impactos que o Programa de Educação nas Escolas gera nos alunos, refletindo nas suas formas de se comportar, diversas são as fontes de informação: professores, supervisores, diretores, secretaria de educação e os próprios alunos. Dentre os aspectos de impacto nos alunos, a análise das entrevistas, diário de campo e da observação geraram 6 principais temáticas: 1) Responsabilidade; 2) Trabalho em Equipe; 3) Capacidade de Liderança; 4) Geração e Administração de Recursos; 5) Sustentabilidade; e 6) Perspectivas de vida.

Dessa forma, será destacado a seguir duas principais temáticas de impactos sociais e econômicos: Geração e Administração de Recursos e Perspectivas de Vida.

Com relação à questão da geração e administração de recursos. Esta é uma característica bastante desenvolvida nos alunos uma vez que eles são responsáveis pelo processo de produção dos recursos financeiros, a partir das vendas dos produtos que eles vendem em cada cooperativa. A partir da geração dos recursos, também cabe aos cooperados e, principalmente, aos Tesoureiros, a administração desses recursos, o controle de entrada e saída e as decisões de gasto e destinação dos recursos. Nos trechos de entrevistas com os alunos das cooperativas escolares é possível entender como o processo acontece:

Vai uma parte pros associados, uma parte fica na cooperativa, pra nós fazer que nem, comprar coisas de artesanatos, fazer biscoito, e tem uma parte que guarda ele na conta do Sicoob, guarda uma parte. (Aluno 30).

Gasta o dinheiro no que precisa pra cooperativa. No caso de fazer os dim-dim, os chupa-chupa, tem que comprar tudo. Aí tem que pegar o dinheiro da cooperativa [...]. (Aluno 32).

O controle do dinheiro [...] a gente conta tudo direitinho, que foi feito tantas coisas, por exemplo, foram feitos tantos pasteis, aí tudo é anotado num caderno. E depois o lucro, pra ver se aquilo tá dando a renda necessária pra cooperativa. E é sempre dessa forma. (Aluno 44).

[...] a gente vende fiado, vende a prazo, e nós temos um caderninho. Aí vai anotando tudo no caderno. Se a gente precisar de tanta quantia pra comprar um produto aí a gente vai lá, tira e desconta, anota tudo no caderno. [...] e também o dinheiro ele vai pra uma conta onde a gente deposita esse dinheiro e também nós temos uma parte que usa pra passar troco, essas coisas. (Aluno 47).

[...] aí falava 'hoje deu tanto', aí eu contava o tanto de pacote pra ver se era realmente aquele tanto de valor que eles tinham falado que tinha dado. E também como eles [alunos-clientes] levavam pra casa e tudo, e por ser em zona rural e não é todo dia que os pais tinham dinheiro e tudo, então tinha uma semana, duas, pra pessoa pagar, acontece dessa forma. Aí fazia a contagem, e ia juntando, e quando inteirava o valor X aí trazia pro Sicoob. (Aluno 50).

Esse aspecto de geração e administração de recursos é concretizado com as vendas que podem ocorrer: de sala em sala na própria escola; em eventos que acontecem na escola; ou em eventos externos ao ambiente escolar. O presidente da Credichapada acredita que os momentos em que os alunos se dispõem a vender o que constroem a partir da cooperação nas

cooperativas escolares são importantes para o andamento do projeto, considerando, portanto, que “o produto é a materialização do processo” (Notas de campo, 05 Out. 2019).

Assim, a partir da exposição dos produtos, os alunos e professores vendem os produtos para as pessoas que participam desses eventos e também para as pessoas que passam por eles, como pode ser ilustrado a partir do trecho do diário de campo a seguir:

Os alunos chamam as pessoas que estão passando para que elas conheçam e comprem os produtos. Alguns alunos são mais tímidos e outros não. Quando um possível cliente se aproxima eles fazem a abordagem, explicando as características dos produtos, como foram feitos e quais são os preços. Caso a pessoa opte por realizar a compra, eles mesmos recolhem o dinheiro e dão o troco, quando necessário. (Notas de campo, 05 Out. 2019).

A partir dessas vendas, os alunos geram os recursos que precisam administrar posteriormente, ambas as atividades são realizadas pelos próprios alunos, geração e administração. Em diálogo com um dos alunos durante a feira, foi possível tomar a seguinte nota:

[...] ele ressaltou que durante a feira eles já vão anotando o que está vendendo e por quanto, para que depois das feiras, ou qualquer evento que eles participam, o presidente e o tesoureiro, às vezes também os demais membros da chapa, se reúnem para fazer a contagem do dinheiro que foi arrecadado, anotando todas as informações em um caderno de controle, no qual anotam as entradas e as saídas dos recursos. Depois de realizada a contagem do dinheiro [...] [ele] destacou que a diretoria da cooperativa escolar realiza uma reunião com os demais cooperados para fazer a prestação de contas. (Notas de campo, 05 Out. 2019).

Além do impacto na formação do senso de gestão financeira dos recursos provenientes da atividade das cooperativas escolares, os alunos ainda promovem ações que geram impacto com o dinheiro. Dessa forma, além de serem impactos pelo Programa de Educação, os alunos “retroalimentam” os impactos sociais e econômicos ao passo que realizam ações a partir das sobras que conseguem com os recursos das cooperativas escolares, tanto para ações na própria escola, como preocupações para a comunidade. Essas vendas somam valores significativos para a realidade escolar que eles vivenciam. Durante o ano de 2019, as cooperativas escolares somaram juntas R\$ 5.027,80, arrecadado conforme a Tabela 3 a seguir:

**Tabela 3**

*Receita das Cooperativas Escolares do Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira desenvolvido pela Sicoob Credichapada – exercício de 2019*

Cooperativa Escolar	Receita Total
COOPERDÁRIO	R\$ 1.042,80
COOPERMOC	R\$ 650,00
JOVCOOP	R\$ 1.110,00
SANCOOP*	R\$ 425,00
UNICOOP	R\$ 1.800,00

Fonte: Sicoob Credichapada.

\* Cooperativa Escolar constituída em Outubro de 2019.

Assim, a partir desses recursos, as diretorias das cooperativas escolares decidem, juntamente com os cooperados, quais ações serão realizadas com esses recursos, de forma a manter o espírito democrático nos gastos do dinheiro. Alguns exemplos de ações podem ser vistos nos trechos de entrevistas:

Olha, a gente tira uma porcentagem pro fundo da cooperativa, outra porcentagem vai pros terceiros ano, pra ajudar com beca, essas coisas da formatura. (Aluno 28).

[...] a gente reúne na assembleia junto com os cooperados, nós vamos discutir o que fazer com ele [dinheiro]. Igual, por exemplo, alunos tá querendo tipo organizar um projeto que inclui a comunidade, [...], e é isso, sempre tá pensando assim na comunidade, nos alunos que tem dificuldade, ou seja, não tem a condição de fazer alguma coisa, então a gente vê assim nessa parte assim da comunidade mesmo. (Aluno 22).

Um exemplo, as meninas aqui sempre vão aos Jogos Escolares, que é o JEMG, [...] e esse ano eles compraram, juntou a comissão, junto com os sócios, e chegaram a conclusão de que teria que doar pras meninas a camiseta, o uniforme, a joelheira, [...] e eles fizeram isso, eles pegaram parte desse dinheiro da cooperativa e retornou em benefício dos próprios alunos que não tinham condição de comprar. (Professor 23).

Por fim, a temática de mudanças de perspectivas de vida traz questões de empoderamento desses alunos a partir do momento em que eles participam do Programa de Educação e colaboram nas cooperativas escolares. A participação nesses projetos faz com que os alunos comecem a acreditar que eles podem sonhar e alcançar objetivos antes inimagináveis. Nos trechos de profissionais de educação podem ser observados esses relatos:

[...] é mostrar pra eles que eles podem transformar a vida deles a partir do que eles tem na comunidade. Eles pode ir além, eles pode ver, que as vezes você já tem a matéria-prima pra fazer um produto e você mesmo tem capacidade de aprender pra fazer. (Professor 13).

[...] nós só vamos sentir essa mudança, daqui mais para frente, quando esses adolescentes [...] se tornarem um adolescente mais consciente, mais criativo, com mais ações, com mais vontade de aprender, e acreditar. Que eu falo pra eles tem eles que acreditar no eu, na capacidade de cada um né, [...] se você acreditar que você tem aquele sonho, que você pode tornar ele realidade. (Professor 05).

[...] então eles melhoraram nessa questão financeira, e a social progrediu mais ainda. Porque a gente tinha alunos que não tinha um bom comportamento, não tinha boas notas, não tinha perspectiva de estudos mais avançados, sair ali da comunidade pra estudar, e hoje a gente vê que muitos saíram, os que não saíram têm muitos que já estão produzindo na própria comunidade. (Representante Secretaria Educação).

A partir das mudanças de perspectivas de vida desses alunos, há desdobramentos que alcançam a comunidade, dentre os quais podem ser destacados, por exemplo, produzir os mesmos produtos, que se vende nas cooperativas escolares, em casa para consumo próprio ou para venda, começar a vender produtos que se tinha em casa e ajudar a comunidade local de alguma forma. Esses aspectos podem ser ilustrados nos comentários:

[...] Por exemplo, lá em casa nós fabrica a farinha nossa, nós planta a mandioca e faz farinha. Aí é onde nós largava tudo em casa né, agora não, nós vende pra fora assim. (Aluno 29).

[...] antes eu não tinha aprendizagem com horta, aí depois do projeto eu falei com mãe, nós fizemos uma horta lá em casa [...]. Mas eu aprendi muita coisa... Eu já trabalhei pra mexer em horta dos outros, com o que eu aprendi aqui eu passei pros outros lá na minha comunidade. (Aluno 31).

[...] lá em casa trabalha na horta, que eu aprendi aqui mexer na horta, e lá em casa tem muito [...] é coentro. Aí eu trabalho junto com a minha mãe lá, vigiando como que funciona, como eu trabalho aqui na cooperativa eu passo pra ela lá. Aí lá nós também vende o coentro, aprendi a vender, aprendi aqui, aí hoje a gente ganha dinheiro vendendo coentro lá. (Aluno 22).

Dessa forma, observa-se que o Programa de Educação atinge e transforma esses alunos beneficiados, em termos sociais e econômicos, fazendo emergir práticas para fomentar e incentivar essas comunidades a melhorar suas condições de vida, de forma a aumentar sua



autonomia. Os resultados do Programa de Educação criam um verdadeiro empoderamento nos jovens atendidos pelo projeto, que pode ser entendido como a criação de sentimento de competência nesses alunos, tornando-os sujeitos de direito, que expressam suas opiniões, exercem sua cidadania e buscam incessantemente melhorias das condições de vida, provocando impactos sociais e desenvolvimento, a partir da participação, cooperação, ajuda mútua e autogestão (VASCONCELOS, 2017). Assim, para que haja esse processo de empoderamento, múltiplas visões devem ser engajadas para moldar os indivíduos, desde barreiras raciais e étnicas, mas também a discriminação voltada para a capacidade, a idade ou a orientação sexual (SANTOS, 2018).

E é assim que o Programa de Educação é desenvolvido e apresenta impacto na vida de muitos desses alunos, fazendo-os acreditar que eles são capazes de alcançar outros objetivos na vida que não apenas seguir a vida de seus familiares, mas sendo empreendedores dos seus próprios negócios e principalmente das suas próprias vidas. Além disso, o Programa de Educação propicia a mudança de vida não só desses alunos, mas também de suas famílias e da comunidade, fazendo com que os desdobramentos do projeto possibilitem a mudança da sociedade como um todo, mudando gerações de pais e avós desses alunos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cooperativismo, a partir dos seus princípios e valores, pode ser considerado como uma ferramenta de promoção de impactos sociais e econômicos, se tornando um negócio de impacto social. Assim, este estudo buscou descrever e analisar os impactos sociais e econômicos gerados pelo Programa de Educação Cooperativista, Empreendedora e Financeira desenvolvido pela cooperativa de crédito Sicoob Credichapada.

Dentre os meios para geração dos impactos decorrentes do Programa de Educação nas escolas, destacaram-se as cooperativas escolares. As cooperativas escolares são uma forma de concretizar o trabalho que é desenvolvido nas escolas por meio da disciplina intitulada Cultura Empreendedora, Cooperativista e Financeira. O intuito das cooperativas escolares é criar um ambiente em que haja a fixação do conhecimento adquirido na disciplina, proporcionando aos alunos uma experiência prática. Essas cooperativas funcionam como “mini empresas”, em que os alunos comercializam produtos, propostos e produzidos por eles em atividades de cooperação, em eventos escolares e feiras. A partir da formalidade assumida pelos alunos nessas cooperativas e da responsabilidade que eles criam frente à atividade, diversos são os impactos que podem ser analisados a partir dessas cooperativas escolares.

Com relação a esses impactos econômicos e sociais gerados pelo Programa de Educação nas escolas foram atribuídas três temáticas: formação e capacitação de professores; alunos; e familiares de alunos e comunidade. A análise feita neste estudo se concentrou nos impactos gerados nos alunos. As transformações na vida dos alunos que recebem as ações do Programa de Educação se desdobram em seis outras temáticas, que são: responsabilidade; trabalho em equipe; capacidade de liderança; geração e administração de recursos; sustentabilidade; e perspectivas de vida. Já com relação a essas temáticas de análise, foram focadas neste estudo: Geração e Administração de Recursos e as mudanças nas Perspectivas de vida desses alunos.

Com os trabalhos que são desenvolvidos nas cooperativas escolares, que envolvem artesanatos, doces, bolos, vegetais, frutas verduras, legumes, dentre outros alimentos, os alunos aprendem a criar e confeccionar diversos produtos, que eles vendem com as próprias cooperativas escolares, mas que também levam para suas casas e produzem fora do ambiente escolar. A partir disso, os alunos conseguem recursos para a cooperativa e utilizam tanto para confecção de novos produtos quanto para desenvolver ações ou projetos voltados para eles

mesmos e para a comunidade. Além disso, o conhecimento que os alunos adquirem com os produtos das cooperativas escolares, eles começam a replicar os produtos em casa e vender para a comunidade, auxiliando na renda familiar e consequentemente reduzindo as vulnerabilidades sociais e nível de pobreza dessas famílias.

Outro aspecto destacado neste estudo foi a mudança de perspectiva de vida dos alunos, que a partir do momento em que fazem parte das cooperativas, eles começam a enxergar que eles podem ir mais além e que podem buscar outras oportunidades para suas vidas, seja por meio da continuação de estudos, buscando ensino superior, ou também por meio da criação de um empreendimento na própria comunidade.

Dessa forma, além das parcerias e trabalhos voluntários que auxiliam o Programa de Educação, é relevante ressaltar que a concretização desses projetos desenvolvidos é possível a partir, principalmente, dos esforços do cooperativismo de crédito na figura da Sicoob Credichapada, na união entre seus cooperados, a própria gestão, seus colaboradores e a comunidade, que acreditam na transformação econômica e social da realidade do município e da melhoria da vida e do bem-estar da comunidade local a partir dessas práticas.

Ao trazer as contribuições analíticas do caso da Credichapada, o estudo ainda trouxe análises contextuais da cooperativa e seu âmbito de atuação, demonstrando e revelando uma realidade ainda desconhecida pelos trabalhos científicos. A exposição da realidade da Credichapada e das ações que são desenvolvidas em seu âmbito de atuação podem incentivar outras localidades a buscar o cooperativismo de crédito como instrumento para desenvolvimento da localidade e melhoria da qualidade de vida.

Por fim, dentre as limitações da pesquisa, destaca-se a abrangência do caso estudado, considerando que a generalização dos dados aqui levantados e explicados é de responsabilidade dos pesquisadores futuros que possam utilizar desses resultados. Outra limitação é referente ao tempo e recursos financeiros dispendidos para a coleta das informações qualitativas, que impossibilitaram aplicações de outras formas de observação, passando o pesquisador a ter uma menor presença no dia a dia dos sujeitos da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ARTEMISIA; AGENDA BRASIL DO FUTURO; MOVE SOCIAL. **Avaliação para negócios de impacto social**. Artemisia, Agenda Brasil do Futuro e Move Social. 2017.
- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Consulta**. 2020. Disponível em: [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/chapada-gaucha\\_mg](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/chapada-gaucha_mg). Acesso em: 12 mar. 2020.
- ÁVILA, L. V.; ROCHA, M. P.; ARIGONY, M. M.; DILL, R. A.; MAZZA, V. M. S. **Negócios Com Impacto Social: Características, Modelos e Métricas de Avaliação**. Gestão e Desenvolvimento em Revista, v. 2, n. 1, 2016.
- BACEN - Banco Central do Brasil. (2020). **Cooperativas Singulares**. 2020. Disponível em: <https://dadosabertos.bcb.gov.br>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- BACEN - Banco Central do Brasil. **Panorama do Sistema Nacional de Crédito Cooperativo**. 2019. Disponível em: [https://www.bcb.gov.br/content/estabilidadefinanceira/coopcredpanorama/9\\_panorama\\_sncc\\_2018.pdf](https://www.bcb.gov.br/content/estabilidadefinanceira/coopcredpanorama/9_panorama_sncc_2018.pdf). Acesso em: 28 mar. 2020.
- BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. Edição Revista e Ampliada. Lisboa: Edições 70.
- BRINKMANN, S. **The interview**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). The Sage handbook of qualitative research. 5. ed. Sage Publications, 2018.

- COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em Administração**. Um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2ª Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- COMINI, G. M.; ROSOLEN, T.; FISCHER, R. M. **Inovações socioambientais: uma análise de soluções e estratégias criadas por negócios de impacto no Brasil**. In: BARKI, E.; COMINI, G. M.; TORRES, H. G. (org.). Negócios de Impacto Socioambiental no Brasil.: como empreender, financiar e apoiar. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.
- COMINI, G.; BARKI, E.; AGUIAR, L. **O novo campo dos Negócios com Impacto Social**. In: IZZO, D.; BARKI, E.; TORRES, H. G. ; AGUIAR, L. Negócios com impacto social no Brasil. Editora Peirópolis. 2020.
- COMINI, G.; BARKI, E.; AGUIAR, L. **O novo campo dos negócios com impacto social**. In: BARKI, E.; IZZO, D.; TORRES, H.; AGUIAR, L. (Org.). Negócios com Impacto Social no Brasil. 1ed. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO – CONFEBRÁS. **Panorama do Cooperativismo Financeiro no Brasil**. CONFEBRÁS. 2020. Disponível em: <http://confefbras.coop.br/panorama-do-cooperativismo2/>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- CRESWELL, J. W.; POTTH, C. N. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**. 4. ed. Sage publications, 2018.
- D'AMARIO, Edison Quirino; COMINI, Graziella Maria. **Inovação social nos empreendimentos sociais brasileiros: uma proposta de escala para sua classificação**. Revista Brasileira de Gestão e Negócios. São Paulo , v. 22, n. 1, Mar. 2020.
- FISCHER, Rosa Maria. **Negócios sociais**. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014.
- FLICK, U. **Triangulation in Data Collection**. In: FLICK, U. (Ed.). The Sage Handbook of Qualitative Data Collection. CA: Sage Publications, 2018.
- FORÇA TAREFA DE FINANÇAS SOCIAIS – FTFS. **Carta de Princípios para Negócios de Impacto no Brasil**. Força Tarefa de Finanças Sociais, 2015.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS – FIPE. **Benefícios Econômicos do Cooperativismo na Economia Brasileira**. SICREDI – Sistema de Crédito Cooperativo. São Paulo: 2019.
- HODSON, D. **The Nature of Scientific Observation**. School Science Review, v. 68, n. 242, 1986.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. IBGE, 2020. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/chapada-gaucha/panorama>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- IIZUKA, E. S. **Empreendedorismo Social**. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014
- INSTITUTO DE CIDADANIA EMPRESARIAL – ICE. **Negócios de Impacto**. ICE, 2020. Disponível em: <http://ice.org.br/negocios-de-impacto/>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- INTERNATIONAL CO-OPERATIVE ALLIANCE - ICA. (2019). **What is a co-operative?** ICA, 2019. Disponível em: <https://www.ica.coop/en/cooperatives/what-is-a-cooperative>. Acesso em: 20 nov. 2019.

- JACQUES, E. R.; GONÇALVES, F. O. **Cooperativas de crédito no Brasil: evolução e impacto sobre a renda dos municípios brasileiros.** Economia e Sociedade, v. 25 n. 2, 2016.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. (2007). **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2007.
- MARTINS, G. A. (2008). **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- McGRATH, J. E.; ALTERMATT, T. W. **Observation and analysis of group interaction over time: Some methodological and strategic choices.** In: HOGG, M.; TINDALE, S. (ed.). Blackwell handbook in social psychology. Cambridge, MA: Blackwell, 2001.
- MEINEN, Ê.; PORT, M. **Cooperativismo financeiro: percurso histórico, perspectivas e desafios.** Brasília: Confedbrás, 2014.
- MINISTÉRIO DA CIDADANIA. Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. **Dados Bolsa Família.** 2019. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/dados>. Acesso em: 23 mai. 2019.
- NOVKOVIC, S. **Multi-stakeholder cooperatives as a means for jobs creation and social transformation.** In: ROELANTS, B.; EUM, H.; ESIM, S.; NOVKOVIC, S.; KATAJAMÄKI, W. (ed.). Cooperatives and the World of Work. Routledge, 2019.
- OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras. **Organizações cooperativas brasileiras.** 2020a. Disponível em: <https://somoscooperativismo.coop.br/ocb>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras. **Brasil Cooperativo: história do cooperativismo.** 2020b. Disponível em: <http://www.somoscooperativismo.coop.br/historia-do-cooperativismo>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- OCEMG - Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais. **Anuário de Informações Econômicas e Sociais do Cooperativismo Mineiro.** OCEMG, 2019. Disponível em <http://minasgerais.coop.br>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- OCEMG - Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais. **Cooperativas celebram reconhecimento no Prêmio Concred Verde.** OCEMG, 2018. Disponível em: <http://minasgerais.coop.br>. Acesso em: 08 mar. 2020.
- OCEMG - Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais. **Sicoob Credichapada investe em educação cooperativista.** OCEMG, 2017. Disponível em: <http://minasgerais.coop.br>. Acesso em: 08 mar. 2020.
- OLIVEIRA, E. M. **Empreendedorismo social no Brasil: atual configuração, perspectivas e desafios—notas introdutórias.** Revista da FAE, v. 7, n. 2, 2004.
- PALUCK, E. L.; CIALDINI, R. B. **Field Research Methods.** In: REIS, H. T.; JUDD, C. M. (ed.). Handbook of research methods in social and personality psychology. Cambridge University Press, 2014.
- PINHEIRO, M. A. H. **Cooperativas de Crédito: História da Evolução Normativa no Brasil.** Banco Central do Brasil. 6. ed. Brasília: BCB, 2008. Disponível em: [http://www.bcb.gov.br/htms/public/microcredito/livro\\_cooperativas\\_credito.pdf](http://www.bcb.gov.br/htms/public/microcredito/livro_cooperativas_credito.pdf). Acesso em: 10 mar. 2020.

- PREFEITURA MUNICIPAL DE CHAPADA GAÚCHA. **A Saga dos Gaúchos no Sertão Norte Mineiro**. Minas Gerais, 2012.
- RESENDE, P.; ZICA, S. **Jovem e Talentosa**: conheça a história de Jéssica Alves, presidente da Cooperdário. Olhar no Futuro. Revista Gestão Cooperativa, ano 21, n. 94, nov/dez. 2018.
- SANTOS, E. C. A. **A mediação e a educação como recurso de empoderamento e pacificação social em vista do desenvolvimento local**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande: UCDB, 2018.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE MINAS GERAIS. (2017). **Programa de Educação Cooperativista movimenta escola em Chapada Gaúcha**. Disponível em: <http://www2.educacao.mg.gov.br>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- SESCOOP - Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo. **O Brasil que cresce**. Saber Cooperar: A revista do Cooperativismo. Sistema OCB, Nov-dez, 2017, ano VI, n. 22. Disponível em: <https://www.ocb.org.br/revista-saber-cooperar/27/ano-vii--numero-22--novembro-e-dezembro-de-2017>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- SICOOB CREDICHAPADA. **Conheça o Sicoob Credichapada**. 2020. Disponível em: <http://www.sicoobcredichapada.com.br/>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- SILVA, M. O. D. S. (2007). **O Bolsa Família**: problematizando questões centrais na política de transferência de renda no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12, 1429-1439.
- SNCC - Sistema Nacional de Crédito Cooperativo. **Relatório Anual do SNCC - FGCoop**. SNCC, 2017. Disponível em: [www.fgcoop.coop.br/relatorio-anual-do-sncc](http://www.fgcoop.coop.br/relatorio-anual-do-sncc). Acesso em: 10 mar. 2020.
- SOARES, M. M.; MELO SOBRINHO, A. D. **Microfinanças**: o papel do Banco Central do Brasil e a importância do cooperativismo de crédito. 2. ed. Brasília: Banco Central do Brasil, 2008.
- SOUSA, E. G.; FISCHER, R. M. **The succession process at social enterprises in Brazil**. *Revista de Administração*, v. 47, n. 3, jul./ago./set. 2012.
- STAKE, R. E. **Qualitative Research: Studying How Things Work**. New York, NY: Guilford Press, 2010.
- VASCONCELOS, E. M. **As abordagens anglo-saxônicas de empoderamento e Recovery (recuperação, restabelecimento) em saúde mental I**: Uma apresentação história e conceitual para o leitor brasileiro. *Brazilian Journal of Mental Health*, v. 9, n. 21, 2017.
- WEBER, F. (2009). **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?**. *Horizontes Antropológicos*, v. 15, n. 32, 2009.
- WHEELLOCK, D. C.; WILSON, P. W. (2013). **The evolution of cost-productivity and efficiency among US credit unions**. *Journal of Banking & Finance*, v. 37, n.1, 2013.
- YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.